

UM PERCURSO COMPLEXO

Delfim Netto inovou na academia, conduziu a economia na ditadura e manteve influência após redemocratização

Ricardo Balthazar

O economista, ex-ministro e ex-deputado federal Antonio Delfim Netto, que conduziu a política econômica do país durante a ditadura militar (1964-1985), continuou exercendo influência após a redemocratização e ajudou a criar um dos principais programas de pós-graduação da sua disciplina no Brasil. Ele morreu no dia 12 de agosto, em São Paulo, aos 96 anos.

Nascido em 1928 no bairro operário do Cambuci, em São Paulo, Delfim se formou em contabilidade na Escola Técnica de Comércio Carlos de Carvalho. Em 1948, entrou no curso de economia da hoje chamada Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), criada três anos antes.

Após a graduação, em 1952, ele se tornou assistente do professor Luiz de Freitas Bueno (1922-2006), da cadeira de estatística. Pioneiro na introdução de métodos quantitativos em estudos econômicos no país, Bueno teve papel decisivo na formação de Delfim, assim como a historiadora Alice Canabrava (1911-2003), que incentivava os alunos a buscar dados em fontes primárias.

A influência de ambos se fez evidente na tese de livre-docência que ele de-

fendeu em 1959 na USP, “O problema do café no Brasil”, em que estudou as políticas de valorização dos preços do produto durante a Primeira República (1889-1930). “Delfim fez um levantamento extenso de dados históricos e empregou técnicas econométricas sofisticadas para a época ao analisá-los”, conta o economista Roberto Macedo, que dirigiu a FEA de 1986 a 1990.

Sua conclusão foi de que as intervenções no mercado do café contribuíram para sua instabilidade, estimulando o aumento da produção nacional e a entrada de novos competidores no mercado externo. “A tese promoveu uma revisão importante daquele período e foi uma das primeiras do país a incorporar uma metodologia que o mundo ainda estava descobrindo”, relata o economista Gian Carlo Maciel Guimarães Hespagnol, que estudou o pensamento de Delfim em sua dissertação de mestrado, apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP em 2017.

Em 1963, Delfim assumiu a cátedra de Teoria do Desenvolvimento Econômico na FEA após defender a tese “Alguns problemas do planejamento para o desenvolvimento econômico”. No estudo, analisou os modelos propostos pela literatura internacional na época, ainda

pouco acessível aos pesquisadores brasileiros, e submeteu várias políticas a testes econométricos.

Delfim foi o primeiro economista formado na FEA a se tornar catedrático, posição que era o topo da carreira docente na época, antes da reforma universitária de 1968, que extinguiu o regime de cátedras. Ele organizava seminários semanais para discutir livros e artigos acadêmicos, que os alunos deviam estudar para apresentar aos colegas. Alguns encontros eram realizados à tarde e terminavam com noitadas em que comiam pizza e bebiam uísque.

Em 1965, Delfim participou da criação do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE), primeiro centro de pós-graduação da área na USP. No mesmo ano, a FGV do Rio criou a Escola de Pós-graduação em Economia (EPGE). O governo dos Estados Unidos e a Fundação Ford financiaram bolsas e assessoria de professores norte-americanos para as duas instituições.

O economista comandou o Ministério da Fazenda entre 1967 e 1974, durante a ditadura militar. Nesses sete anos, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 10% ao ano, em média, e dobrou de tamanho. Reformas feitas pelo governo do general Humberto Castello Branco (1897-1967), o primeiro após o golpe de

Delfim em seu escritório na capital paulista, em 2016



1964, e o cenário externo favorável abriram caminho para medidas executadas pelo economista, como a expansão do crédito e o estímulo às exportações.

O período ficou conhecido como “milagre econômico”, porque o crescimento acelerado não foi acompanhado de desequilíbrios na balança de pagamentos nem de um surto inflacionário. Estatísticas publicadas anos depois colocaram em xeque seus resultados, mostrando um substancial aumento da concentração de renda no topo da pirâmide social.

As circunstâncias políticas da época permitiram que Delfim dirigisse a política econômica com poderes que nenhum dos seus sucessores teve. Em 1968, ele foi um dos signatários do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que inaugurou a fase mais violenta do regime autoritário ao fechar o Congresso Nacional, suspender garantias constitucionais e intervir nos governos estaduais.

No governo do general Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), que dirigiu

o país entre 1969 e 1974, o economista foi um incentivador do investimento em pesquisas para expandir a produção agrícola brasileira e diversificá-la. Como ministro, Delfim liberou recursos para financiar a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), criada em 1973, e umas das instituições de pesquisa responsáveis pelo desenvolvimento de técnicas que permitiram aumentar a produtividade no campo.

Em 1974, quando o general Ernesto Geisel (1907-1996) se tornou presidente, Delfim foi substituído na Fazenda pelo economista Mário Henrique Simonsen (1935-1997), da FGV do Rio, sendo nomeado embaixador em Paris. Ele voltou ao governo em 1979, após a posse do último general-presidente, João Baptista Figueiredo (1918-1999). Foi ministro da Agricultura por cinco meses e logo reassumiu a condução da economia, substituindo Simonsen no Planejamento.

A economia tinha sido abalada por choques externos nos anos anteriores, convivia com inflação e dívida crescentes e afundou na recessão no início dos anos 1980. “A situação começou a melhorar no fim da ditadura, mas ainda era caótica, e os desequilíbrios só foram corrigidos na democracia”, diz o economista Marcos Lisboa, que presidiu o Insper e foi professor da EPGE, da FGV do Rio.

Eleito deputado federal em 1986, participou da Assembleia Nacional Constituinte e foi reeleito quatro vezes. Ele deixou a Câmara no início de 2007. No primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), foi ouvido como conselheiro e propôs um plano de controle do déficit público, descartado pelo PT.

Professor emérito da USP, o economista morreu em “decorrência de complicações no seu quadro de saúde”, conforme comunicado da família. Era viúvo de Mercedes Saporski Delfim quando se casou com Gervásia Diório, com quem teve uma filha, Fabiana. Deixa também o neto, Rafael. ■

Tesouro na estante

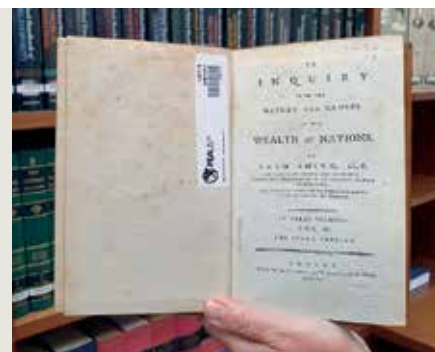
Em 2011, Delfim Netto doou sua coleção particular com mais de 100 mil títulos à USP

Leitor voraz, Delfim Netto deixou como legado uma enorme coleção particular composta por livros, sobretudo de economia, além de revistas e artigos científicos. Atualmente abrigado na biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), o acervo reunido ao longo de oito décadas conta com mais de 100 mil itens, incluindo 94.531 livros e milhares de publicações acadêmicas, que o economista mandava copiar e organizar em volumes encadernados.

A biblioteca da FEA foi reformada e ampliada para receber a coleção que Delfim decidiu doar em 2011. Ele continuou fazendo doações esporádicas após a inauguração, em 2014. O acervo não possui raridades, mas é considerado uma das mais completas coleções particulares do país de livros sobre economia. Segundo a direção da biblioteca da faculdade, o espaço recebe atualmente cerca de 50 consultas presenciais por mês. A procura era maior nos primeiros anos, mas diminuiu após a pandemia de Covid-19.

“O valor do acervo é inestimável, sobretudo por sua abrangência”, afirmou a *Pesquisa FAPESP* o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, ex-professor da FEA, que conheceu a biblioteca de Delfim no início de sua carreira acadêmica, nos anos 1980. Na época, quando pesquisou e deu aulas na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, Giannetti fez cópias de panfletos e tratados do século XIX na seção de obras raras da biblioteca da instituição britânica a pedido de Delfim, como contou em entrevista à revista *piáuí*.

O acervo inclui várias edições de clássicos como os *Fundamentos da análise econômica*, livro lançado pelo economista norte-americano Paul Samuelson (1915-2009) em 1947, revisto e ampliado na década de 1980. Um dos exemplares tem anotações manuscritas de Delfim. A biblioteca também contém reproduções fac-similares das primeiras edições de títulos como *A riqueza das nações*, do escocês Adam Smith (1723-1790), e *O capital*, do alemão Karl Marx (1818-1883).



Acima, parte do acervo doado por Delfim à FEA-USP, que reúne obras como *A riqueza das nações* (no alto), de Adam Smith, em inglês